

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa SEMANAL

EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
DEZ DE JUNHO	-5 OUT. 1979	PODER POPULAR	

Semana política

Onde está o governo coeso e isento que nos prometeram?

António Proença

Depois da pausa obrigatória na actividade partidária de rua, em virtude dos afazeres eleitorais, o País voltou a assistir, nos últimos dias, a um recrudescimento das clivagens existentes entre as diversas forças que compõem o liliputiano universo político português.

Libertos dos «esforçados trabalhos» das listas, e quando estão já praticamente definidos os «slogans» da campanha, os partidos foram regressando aos casulos ideológicos onde estão entrincheirados, e toca de iniciar de novo a uerrilha perante um País que espera...

Todavia, agora que vêm ao de cima do «mergulho» retemperador de novas energias eleitorais, começa a tornar-se líquido, através das listas de candidatura, quais as jogadas a que vamos assistir nos próximos tempos. Quanto ao PC, nota-se a legítima preocupação de se dar ares de nova imagem. Assim, vai de colocar como cabeças de listas da APU, nos círculos que mais lhe escapam, algumas figuras de entre os chamados «eurocomunistas» do Partido. É o que acontece com Vital Moreira, que está à frente em Aveiro, onde as dificuldades de implantação comunista têm sido grandes, com Jorge Leite que concorre por Coimbra e com o «marginalizado» Avelino Gonçalves que abre a lista de Viana do Castelo. Tudo tentativas de mascarar uma estratégia, a que se

junta a ajuda internacionalista de Berlinguer, apesar mesmo de o chefe comunista italiano ter dado à chegada um grande aperto ao PC: que isso de afirmar que não há eurocomunistas, mas pura e simplesmente comunistas, é coisa que nunca se faz em público...

Por sua vez, quanto ao PS, que se viu em palpos de aranha para dar publicamente a versão definitiva das suas listas, ficou afinal resolvido que Alegre sempre concorre em terceiro por Coimbra, outra coisa não podia suceder depois dos «versos» que o poeta cantou aos órgãos do partido. Além do mais, o papel dos «históricos» nos destinos do PS não podia apagar-se tão ingloriamente... mesmo que para tanto haja que perder votos.

Mas, de todo em todo, a figura que mais atenções públicas motivou esta semana, por mais que custe às vaidades de alguns dos nossos chefes, foi o Papa João Paulo II. O seu lugar nesta semana política não vem a despropósito, se tivermos presente que a Primeiro-Ministro deste 11.º Governo pós-revolução se cruzou com ele em Nova Iorque. E cruzou-se durante apenas dois minutos, o tempo suficiente, no entanto, para nos apercebermos de que o exagero propagandístico e exibicionista é também uma das características de Lurdes Pintasilgo. Por onde se ficou, pois, a «longa» audiência, durante a qual o Papa até seria infor-

mado do que pensa a hierarquia da Igreja em Portugal acerca das leis da Rádio e da Televisão? Onde está o encontro ao Sumo Pontífice para nos visitar? Não obstante, Pintasilgo, para quem foi uma «tremenda oportunidade» estar com o Papa, escusou-se a pormenorizar o que se passou no encontro. A um povo inteiro legitimamente interessado em conhecer a fundo os passos dos seus chefes, Pintasilgo respondeu que era um «segredo de confissão». Confissão que a avaliar pelo tempo que durou, nos faz pensar que a nossa Primeiro-Ministro está na graça de Deus...

A ONU e Cyrus Vance ficaram também a saber que Pintasilgo perfiha a ideia de que Portugal pode ser um «conciliador de posições opostas». Mas se cá em casa é o que se vê, que garantias tem uma Primeiro-Ministro para nos atribuir tão ecuménica missão? Poderá ensinar-nos Pintasilgo a receita? Os últimos acontecimentos internos levam-nos a pensar que não.

Na verdade, agora que a «marcha dos cem dias» ainda vai no adro, há já provas reais de que a tão proclamada coesão do «gabinete colegial» de Pintasilgo, não existe. Os desmentidos já não convencem: há duas linhas políticas em confronto no seio do Governo. As divergências residem em concepções díspares acerca do modelo mais conveniente a Portugal. A

questão de sempre. Entrementes, cá vamos contando os buracos do cinto.

Não há dúvida de que o Governo iniciou a curva descendente. O PS (pé-ante-pé) e o PC (tão às claras) retiram-lhe os suportes. Se a um interessa, por motivos eleitorais, distanciar-se de Pintasilgo, ao outro (e para além disso) não agrada o funcionamento do MAP. Depois dos incidentes de Montemor, o PC já nada tem a perder. Por isso aposta de novo na desestabilização social (lembremo-nos do Sabor e da Corame). Os ataques da Imprensa comunista são por enquanto genéricos. Lá virão os alvos preferenciais, nas pessoas dos ministros que menos lhe aparam as aventuras. Mas tudo sempre a jogar na confusão que gere o abstencionismo. E, por falar em abstencionismo, afinal Costa Brás sempre pôs de parte a campanha a favor do voto. Com que fim?

Enquanto isto, Eanes, sempre atento ao que se passa, manteve-se silencioso. Silêncio que só foi quebrado no jantar que ofereceu ao general Rogers. Ai o tivemos de novo a apostar na recuperação da sua imagem no seio da NATO, depois das dificuldades de 1975, em que até comunistas aí nos representaram. As presidenciais, antes de se ganharem cá dentro, têm de ser ganhas além-fronteiras. Mas até lá o Mundo ainda dará muitas voltas...